BAHIA BRASIL CÂMARA MUNICIPAL CULTURA ECONOMIA EDUCAÇÃO EMPREGOS ESPORTE FAMOSOS GERAL MUNDO POLÍTICA SAÚDE SI

buscar no site...

Feira de Santana, Terça, 14 de Julho de 2020

André Pomponet

Vendedores de ontem e de hoje nas ruas da Feira

André Pomponet - 30 de junho de 2020 | 19h 44

Sempre ouço, lá fora, o carro do ovo passando. Uma voz rascante anuncia 30 ovos por dez reais. Um alto-falante, daqueles de camelô de feira-livre, amplifica a voz. Às vezes, chego à janela para examinar o veículo. É um automóvel antigo – cuja pintura no teto está manchada –, abarrotado de placas de ovos. Imagino que a pandemia da Covid-19 e a crise econômica favoreceram os negócios. Afinal, está sempre enfrentando, estoico, as vias esburacadas da Feira de Santana. Mas há novidades na praça. Neste ramo, surgiram os vendedores de iogurtes, chocolates e biscoitos de uma multinacional de alimentos. Passam anunciando promoções incríveis em veículos e motocicletas plotados. Importaram a estratégia, que é antiga, da periferia de São Paulo. Costumam comercializar produtos no fim do prazo de validade. Daí as ofertas tentadoras, que magnetizam a clientela.

Noto com pesar que uns e outros, coitados, não tem o carisma dos vendedores de outros tempos. Quando os vejo, lembranças distantes, da infância, afloram. Nos anos 1980, quem passava de porta em porta vendendo seus produtos na rua da Palma, ali no Sobradinho, cativava mais. Não dispunham de apetrechos tecnológicos, mas eram portadores de uma simpatia inata e – mais – traziam sempre um sorriso estampado.

Naquela época, os finais de tarde eram de "Chico do Pão". Trazia o produto num engradado na garupa da bicicleta. Uma buzina estridente auxiliava-o, advertindo as donas-de-casa. E lá iam os meninos recolher o pão e testemunhar o inevitável sorriso. Negro, alto, esguio, "Chico do Pão" não perdeu o sorriso nem quando começou a perder os dentes. Sua memória afiada se antecipava aos pedidos, já que passava ali toda tarde. Os pães de doce – recheados de açúcar – faziam sucesso junto à garotada. Lembro quando ele sacava os impressionantes maços de notas do bolso – naqueles tempos de inflação galopante as cédulas valiam pouco – para entregar o troco. Muitos pagavam no fim do mês: os pedidos iam para um caderno espiral, cujas páginas iam se encardindo com o manuseio contínuo.

Passava gente vendendo leite também. O sujeito que vendia desfilava com chapéu de couro e gibão, montado num cavalo manso. Nas ancas do animal, dois toneis de alumínio abrigavam o produto, que ia sendo recolhido num caneco fosco. Engraçados eram os animais – quase todos tinham o pelo escuro – abanando com graça o rabo, enquanto aguardavam, pacientes, o desfecho da transação. Passavam também aqueles que despertavam a euforia infantil – ambulantes com picolés da fruta, com as baianinhas multicoloridas, com o algodão-doce azul e rosa, com o quebra-queixo, com a taboca e a pamonha – quebrando o silêncio das tardes com seus pregões.

Naquela época os carros eram raros. Pelas ruas, o silêncio era intenso. Muitas áreas ainda eram despovoadas, as aventuras infantis sempre conduziam aos diversos olhos

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

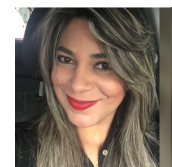
César Oliveira

A saída de Valdomiro S Secretaria de Comunic

O novo HGCA e o esforç Neto

André Pomponet

O legado dos escritores

E as propostas para Fei candidatos?

Emanuela Sampaio

Otorrino Washington Al aniversaria nesta quart

Feirense Thales Azeved posse como Procurador

César Oliveira- Crô

Desistências

Setembro não é longe d

AS MAIS LIDAS HOJE

1 O legado dos escritores-jornalistas

2 Filha de vereador da Bahia denuncia na sociais agressões feitas pelo pai

3 Hospital Cleriston Andrade 2 será entre quarta-feira (15)

4 Brasil tem 72.234 mortes por coronavír

5 Prefeitura reforça desinfecção da Feira Estação Nova

d'água das cercanias, naquele êxtase de ver a água brotando milagrosamente da terra. Nos começos de noite, as estrelas cintilavam muito vivas no céu; e, nos brejos encorpados pelos olhos d'água, havia o coaxar monótono dos sapos.

Tudo foi passando: os micromercados e as padarias extinguiram a ocupação de "Chico do Pão"; vender leite pela rua tornou-se atentado à saúde pública; supermercados e padarias arrebataram a tarefa. Mais carros surgiram, os brejos e os olhos d'água foram aterrados, deram origem às residências de alvenaria com portões metálicos inteiriços. E aquele silêncio indescritível, prazeroso, pulsante? Aquele silêncio, hoje, só sobrevive na memória luminosa de quem viveu aqueles dias...

A crônica da farinha de mandioca

André Pomponet - 28 de junho de 2020 | 17h 37

Pão-de-pobre. Esse é apenas um dos nomes da prosaica farinha de mandioca. Durante séculos ela foi a base da alimentação no Brasil Setentrional. Desde a década de 1970 o consumo vem em declínio. E, a partir do começo do século, a substituição por outros produtos se acentuou na dieta do brasileiro. Aqui na Bahia não foi diferente: se mais de 24 quilos eram consumidos, per capita, em 2002, essa quantidade caiu para pouco mais de seis quilos em 2017.

Os números são da Pesquisa de Orçamento Familiar, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Lembro que, noutros tempos, o produto era muito mais farto ali no Centro de Abastecimento. Dezenas de sacas – aquelas de 60 quilos – amontoavam-se defronte aos varejistas que, atarefados, atendiam a clientela ali no galpão de cereais. Combinada com o feijão, o arroz e uma proteína animal qualquer – os mais pobres atacavam de ovo –, a farinha era parte importante da dieta do sertanejo. Mesmo do sertanejo citadino, sem conexão com a vida rural.

As andanças da vida me permitiram atestar a qualidade da farinha aqui das cercanias da Feira de Santana. Autoridades no produto garantem que aquela produzida na vizinha São Gonçalo dos Campos é a melhor da região. Melhor até que as do Recôncavo, tradicional circuito produtor desde o período colonial. Lá, Nazaré firmou fama noutros tempos. O cheiro perfumado e a consistência – muito suavemente granulada – são requisitos de qualidade. Como baiano saudoso, provei farinhas grossas, insossas, nas andanças em restaurantes de Belém do Pará e de São Luís do Maranhão. Infelizmente contracena mal com os primorosos peixes e camarões daquela região.

No Piauí, no Ceará ou no interior de Pernambuco também enfrentei sufoco, mastigando, desgostoso, saudoso da farinha baiana. Quando por aqui as secas eram muito severas, importava-se farinha de mandioca do Paraná. Era o que informavam comerciantes no Centro de Abastecimento. Apesar da granulação parecida, o preparo industrial, a longa viagem e o armazenamento envelheciam o produto e comprometiam o sabor. No Brasil Meridional a farinha de mandioca é associada ao nordestino. Há, até mesmo, um certo estigma, que a associa à pobreza, à fome. Lá em São Paulo, no Parque Dom Pedro II – na zona cerealista nos fundos do badalado Mercado Municipal – dezenas de armazéns vendem incontáveis condimentos e especiarias do planeta inteiro. Pois deu trabalho encontrar farinha de mandioca. Vi-a, desanimado, fina, quase como pó de mármore, num saco imenso. "É de Feira de Santana", assegurou o vendedor. "Eu sou de Feira de Santana", repliquei e ele encurtou a conversa.

A qualidade da farinha baiana tem raízes longínquas. Bert Jude Barickman, brasilianista que andou estudando os produtos do Recôncavo – além da farinha, o fumo e o açúcar – informa sobre a importância do produto na Salvador dos séculos XVIII e XIX em "Um contraponto baiano", livro de 2003: "Por mais variada ou até rica que pudesse ser a cozinha baiana, o trivial dos moradores de Salvador resumia-se a um pequeno número de gêneros. Entre eles, o principal era a farinha de mandioca".

Em sociedades predominantemente agrícolas, como a baiana, a farinha de mandioca combinava-se a leguminosas, como o feijão e a alimentos como frutas, óleos, gorduras, carnes e peixes, assinala o pesquisador. Só que a maior parte das calorias diárias vem de um alimento principal rico em amido: "Na Bahia, esse alimento era sem dúvida a farinha de mandioca". O consumo não era brincadeira: os mais abastados consumiam, por dia, cerca de 567 gramas. A fartura chegava noutros ambientes: "Era essa a ração que se distribuía aos soldados aquartelados em Salvador e aos escravos empregados pelo Celeiro Público. Essa era também a ração dos presos pobres das cadeias da cidade", informa Barickman. Muita farinha, para os exíguos seis quilos anuais dos dias atuais.

O que comem, hoje, os baianos mais pobres no lugar da farinha? Conversas com uma fonte credenciada – que conhece bem a periferia da Feira de Santana – indicam que os alimentos processados se sobrepõem à farinha de mandioca e ao feijão. Macarrão instantâneo, biscoitos, bolachas, lanches e salgadinhos incorporaram-se à dieta dos mais pobres. E vem contribuindo para o impressionante aumento da obesidade e do sobrepeso na última década. A migração do campo para a cidade é coisa antiga. Foi intensa até os anos 1980. De lá para cá nasceram os filhos desses migrantes, já com perfil mais urbano. Periférico e pobre, mas urbano.

Mudaram-se também os hábitos, sobretudo em função da correria imposta pelo trabalho, que favorece as refeições prontas. Daí o declínio do consumo da farinha. Hoje, a paçoca – farofa de carne-seca desfiada –, o pirão e o pé-de-moleque estão se tornando produtos sofisticados, oferecidos em restaurantes caros. Até a farinha de mandioca – Quem diria – está se tornando gourmet. Apesar do consumo em queda...

É São João, apesar da pandemia

André Pomponet - 22 de junho de 2020 | 20h 50

O inverno comeÃ§ou com chuva aqui na Feira de Santana. O sol pouco apareceu desde sÃ¡bado e, quando o fez, estava sempre cercado de nuvens. O costumeiro tem sido as nuvens plÃºmbeas e cor de aÃ§o rolando pelo cÃ©u da cidade. Sob elas, uma luz pÃ¡lida, cinematogrÃ¡fica. Ã€s vezes Â– sobretudo Ã noite Â– a garoa se desprende, encobrindo a cidade com uma cortina prateada. Sob as sombras, a chuva que a luz avermelhada dos postes reluz se acumula em poÃ§as miÃºdas sobre o calÃ§amento luzidio. Nos intervalos da chuva, as nuvens avermelhadas correm por detrÃ¡s das torres metÃ¡licas do centro da cidade com suas lÃ¢mpadas vermelhas, tristonhas, que piscam, melancÃ³licas. SÃ³ o estrÃ©pito e o colorido dos fogos, esporÃ¡dicos, espantam um pouco a monotonia que paira, pesada, noite afora. Ã‰ nesses momentos que se resgata a lembranÃ§a de que o SÃ£o JoÃ£o se aproxima, mesmo com a pandemia e suas apreensÃµes e incertezas. Apesar das recomendaÃ§Ãµes mÃ©dicas contrÃ¡rias, tudo indica que, amanhÃ£ (23), haverÃ¡ o milho, o amendoim e o licor junto Ã s fogueiras acesas. Pelas ruas, vi lenha sobre calÃ§adas, as escassas Ã¡rvores mutiladas. Apesar das profundas tristezas desses tempos Â– crises polÃtica, econÃ´mica e de saÃºde pÃºblica entrelaÃ§ando-se Â– risos, vozes e gritos ressoarÃ£o em muitas ruas feirenses. Afinal, Ã© muito difÃcil manter as pessoas em casa durante tanto tempo. Sobretudo porque, no Nordeste, todo mundo sempre tem grandes lembranÃ§as das festas juninas. Quem nÃ£o foi feliz nessa Ã©poca? As recordaÃ§Ãµes imediatas sÃ£o, sempre, da infÃ¢ncia distante, das ingÃªnuas cerimÃ´nias da queima de fogos, dos forrÃ³s antigos, inesperada invocaÃ§Ã£o de tempos bons. HÃ¡ tambÃ©m as mesas fartas, a cordialidade nem sempre tÃ£o habitual e o compartilhamento dos quitutes. Em 2020 a natureza foi particularmente prÃ³diga com o sertanejo. Ã‰ que chove com regularidade desde janeiro e, a partir de marÃ§o, as precipitaÃ§Ãµes ocorreram na medida exata para garantir fartura jÃ¡ agora, no SÃ£o JoÃ£o. Quem planta esfrega as mÃ£os, ansioso, como Fabiano, a personagem de Â“Vidas SecasÂ”, de Graciliano Ramos, num dos capÃtulos mais memorÃ¡veis do romance. HÃ¡, claro, os impiedosos solavancos da economia Â– milhÃµes de brasileiros perderam o emprego desde o comeÃ§o do horror, em marÃ§o Â– e os malfeitos da repÃºblica de Rio das Pedras, que comeÃ§am a borbulhar, estarrecedores. Mas, quem

plantou e colheu, conta com essa compensaÃ§Ã£o. Quem consome tambÃ©m, porque pode comprar com preÃ§os mais acessÃveis durante o inverno. Sim, apesar do Covid-19, Ã© SÃ£o JoÃ£o e nÃ£o dÃi para permanecer indiferente Ã data. Claro que toda a cautela Ã© necessÃiria porque a doenÃ§a permanece aÃ, Ã espreita, e a crenÃ§a de que Â"o pior jÃi passouÂ" Ã© infundada. Mas, mesmo assim, Ã© bom desejar um Feliz SÃ£o JoÃ£o!

A (r)evolução tecnológica e o ocaso das redações

André Pomponet - 21 de junho de 2020 | 19h 55

Mês que vem completo 25 anos no jornalismo. Faz tempo: cheguei à redação do extinto Feira Hoje em busca de uma oportunidade como revisor. Tornei-me repórter. O jornal integrava o Sistema Nordeste de Comunicação, uma cadeia de jornais e emissoras de rádio e tevê. Naquela época, o Feira Hoje funcionava ali no Mar da Tranquilidade, junto com a Subaé AM e a Nordeste FM. Era diverso e muito rico aquele ambiente, que fervilhava com os grandes acontecimentos da Feira de Santana. Convivi com grandes profissionais naquela redação. Creio que ninguém pensava – e eu também não – que tudo fosse mudar tanto no intervalo de uma geração.

À época, os jornais modernizavam seu design, incorporavam tecnologia, tornavam-se mais atraentes para seus leitores. Era intenso, portanto, o esforço dos impressos para se tornar cada vez palatáveis. Note-se que buscavam modernizar-se, mas seguiam herdeiros da tradição centenária do jornalismo impresso. Nos anos seguintes, tudo aquilo ia começar a mudar. O acesso limitado da população aos computadores e à internet, no começo, retardou essas mudanças avassaladoras.

No início dos anos 2000 o boletim da Assessoria de Comunicação da Câmara Municipal – onde trabalhei – ainda era impresso e distribuído pelos gabinetes dos vereadores. Lá, porém, já surgia um embrião da transformação: praticamente todos os veículos de comunicação já dispunham de correio eletrônico (o e-mail) e era por ele que mandávamos os boletins. O tempo do papel impresso distribuído nos rádios, jornais e tevê tinha acabado. A partir dali começaram a pipocar os sites noticiosos.
Junto com eles, uma mudança radical no mercado de trabalho: quem antes pelejava como empregado, com carteira assinada, tornava-se empreendedor da comunicação, corria atrás dos seus próprios clientes, às vezes desdobrando-se na comunicação e no comercial. Imagino que a jornada de trabalho se ampliou e, em muitos casos, o rendimento minguou.

Essas mudanças alvejaram em cheio o jornal impresso. Mídia mais cara – e mais vinculada àqueles que tem melhor padrão educacional –, retardatária em tempos de vertiginosa circulação de informações, esses veículos até seguiram sobrevivendo, ancorando-se na credibilidade e na qualidade de suas notícias. Só que isso custa caro e, ao longo dos anos, foi entusiasmando cada vez menos os anunciantes.

Obviamente, o fenômeno não é feirense e se espraia mundo afora, mas com repercussão bem sensível por aqui. Sou do tempo em que,aos domingos, os jornais impunham-se pelo conteúdo impressionante: mais de uma centena de páginas entusiasmava o leitor que, em casa ou nas bancas, convencia-se de que atravessaria o domingo imerso na leitura.

Aquele impresso conectava-o às cercanias de suas cidades e, também, aos grandes acontecimentos mundiais. Quem produzia tanta informação? Fervilhantes redações – as dos principais jornais abrigavam centenas de jornalistas – que integravam e completavam a formação de muitos neófitos. Cheguei quando a tecnologia já enxugava redações, desempregando muitos jornalistas. Mesmo assim, considero a redação do Feira Hoje uma das maiores escolas – formais e informais – que

tive a oportunidade de conhecer. Naquele começo de era pós-analógica as interações eram muito ricas e a convivência, mais fraterna. Muitas vezes, o expediente era espichado com farras inesquecíveis. Nelas, eu seguia aprendendo. Aquela lógica de redação acabou sepultada pela tecnologia. A convivência e o aprendizado orbitam hoje sob uma nova dinâmica. Atualmente, em muitos casos, a velocidade se sobrepõe à qualidade. E também à profundidade: o empacotamento de notas curtas, muitas vezes confusas, emburrece quem escreve e quem lê. Há notícias e há notícias: muitas exigem investigação, profundidade e, obviamente, textos mais longos. Reduzir a realidade a notas telegráficas e renunciar ao conteúdo é abraçar a forma burra.

Produtos do gênero dispensam as redações e qualquer sofisticação intelectual: basta um aparelho qualquer conectado à internet e uma nota curta digitada até num teclado de celular. Sempre cultivei a convicção de que a redação é o habitat do jornalista. Assim como o atelier o é para o artista ou a oficina o é para o artesão. É claro que a atuação atomizada e digital traz aprendizado, conhecimento. Mas as redações –passei por outras desde o Feira Hoje também – trazem o traquejo, a vivência mais intensa, a formação num sentido muito mais amplo.

É uma espécie de iniciação. A morte das redações, porém, parece irrevogável. É que as mudanças tecnológicas produziram um modelo novo de empresas de comunicação. Proliferam as micro e pequenas organizações, sem grande fôlego financeiro, com atuação atomizada e, em alguns casos, muito segmentada. Há, claro, as grandes corporações que sobreviveram como exceção. Mas, mesmo nessas, a tecnologia reconfigurou as redações.

Não resvalo, porém, para uma velhice caturra, refém do passado saudoso. Vejo que a era digital também trouxe mais facilidades e, até mesmo, mais democracia à comunicação. Há infinitas alternativas, possibilidades. Isso, porém, é objeto para um outro artigo...

Godofredo Filho e a visita de Manuel Bandeira à Bahia

André Pomponet - 15 de junho de 2020 | 18h 31

"Nunca vi uma cidade tÃ£o caracteristicamente brasileira como a Â‘boa terraÂ’. Boa terra! Ã‰ isso mesmo. A gente mal pisou na cidade baixa e jÃ¡ se sente tÃ£o em casa como se ali fosse a grande sala de jantar do BrasilÂ”. Essas foram as primeiras impressÃµes do poeta Manuel Bandeira sobre Salvador, numa visita Ã cidade, na primeira metade do sÃ©culo XX. Na capital baiana, o poeta dedicou-se Ã s igrejas Â– visitou uma porÃ§Ã£o delas Â– e registrou, em uma crÃ´nica batizada, singelamente, de Â“BahiaÂ”, aspectos urbanÃsticos e arquitetÃ´nicos do centro histÃ³rico. Quem lÃª a crÃ´nica Â– publicada, originalmente, no livro Â“CrÃ´nicas da ProvÃncia do BrasilÂ”, de 1937 Â– impressiona-se com o conhecimento arquitetÃ´nico e as detalhadas descriÃ§Ãµes do poeta. Mas, quem conhece sua trajetÃ³ria nÃ£o se espanta: entre 1903 e 1908 Manuel Bandeira frequentou a Escola PolitÃ©cnica, em SÃ£o Paulo. Pretendia tornar-se arquiteto, mas a tuberculose frustrou suas pretensÃµes, forÃ§ando-o a uma longa temporada de cura na SuÃÃ§a. Em Salvador Manuel Bandeira entusiasmou-se com o poeta feirense Godofredo Filho, seu anfitriÃ£o naquela visita: Â“Foram dias de tocante contemplaÃ§Ã£o esses em que andei pelas praÃ§as, ruas e becos da Bahia em companhia do guia mais inteligente e mais solÃcito que se me podia deparar: Godofredo FilhoÂ”. O poeta dedicou um longo parÃ¡grafo Ã culinÃ¡ria baiana, que o encantou. Godofredo Filho tambÃ©m figura como anfitriÃ£o nessas incursÃµes gastronÃ´micas: Â“Godofredo me levou com mistÃ©rio Ã cozinha modesta onde a preta gorda Eva preparava, com a simplicidade do trivial mais fÃ¡cil, as mais estupendas misturas de dendÃªs e pimentas queimadas que jÃ¡ provei em minha vidaÂ”, extasiou-se Bandeira. Adiante, ele esmiÃºÃ§a o ritual: Â“Era passar lÃ¡ Ã s 9 da manhÃ£ e encomendar: peixada de moqueca, ou vatapÃ¡, ou caruru, ou efÃ³,

ou galinha de Ã³-xin-xinÂ", menciona, o que deve ser o consagrado xinxim de galinha. Segue a descriÃ§Ã£o: Â"Quando se voltava ao meio-dia encontrava-se um prato cheiroso e complicadÃssimo que parecia exigir um mÃªs ao menos de manipulaÃ§Ã£oÂ". Na sequÃªncia do texto Manuel Bandeira dedicou-se a descrever, com minÃºcias, as igrejas de Salvador. E vai alÃ©m da mera descriÃ§Ã£o, enriquecendo o conteÃºdo com detalhes histÃ³ricos que absorvem o leitor e cultivam o interesse pela fascinante primeira capital do Brasil. Aqui e ali, ele ressalta a manutenÃ§Ã£o de caracterÃsticas coloniais em muitos casarÃµes do centro histÃ³rico. Quase no fim do texto, Manuel Bandeira reconhece a contribuiÃ§Ã£o do poeta feirense Ã s suas incursÃµes: Â"Godofredo Filho me levou a quase todas as velhas igrejas da Bahia, bisbilhotando nas sacristias e desvÃ£os escusos para descobrir peÃ§as interessantesÂ". Na sequÃªncia, o poeta pernambucano discorre sobre algumas imagens encontradas nas antiquÃssimas igrejas de Salvador. Anos depois de acompanhar Manuel Bandeira, Godofredo Filho tornou-se diretor do Instituto do PatrimÃ´nio HistÃ³rico e ArtÃstico Nacional, o IPHAN, Ã³rgÃ£o ao qual permaneceu vinculado durante dÃ©cadas. Nasceu aqui na Feira de Santana em 26 de abril de 1904 e estudou Filosofia e Arte Brasileira na entÃ£o Universidade da Bahia Â– embriÃ£o da Universidade Federal da Bahia Â– em Salvador. Exerceu o magistÃ©rio, mas se notabilizou defendendo o patrimÃ´nio arquitetÃ´nico da Bahia e Sergipe. Contribuiu para o tombamento de igrejas, solares, capelas e sÃtios nos dois estados nordestinos. Em 1953, seus esforÃ§os renderam uma distinÃ§Ã£o: junto com o escritor SÃ©rgio Buarque de Holanda e o arquiteto LÃºcio Costa, representou o Brasil no ComitÃª Internacional de SÃtios de Arte e HistÃ³ria, da Unesco, em Paris. No site www.webgodofredofilho.ufba.br Ã© possÃvel encontrar 14,5 mil documentos produzidos sobre sua vida, obra e pensamento, ao longo dos seus 88 anos. Godofredo Filho faleceu em 1992 e foi sepultado em Salvador. Em 2004 Â– no centenÃ¡rio do seu nascimento Â– a CÃ¢mara Municipal trasladou seus restos mortais para a Feira de Santana. Trabalhando no legislativo feirense Ã Ã©poca, acompanhei de perto as comemoraÃ§Ãµes e atÃ© viajei a Salvador para participar da cerimÃ´nia. O impulso inicial para a preservaÃ§Ã£o do patrimÃ´nio arquitetÃ´nico no Brasil foi dado na gestÃ£o Gustavo Capanema, que esteve Ã frente do MinistÃ©rio da EducaÃ§Ã£o em meados dos anos 1930. Seu chefe de gabinete era o poeta Carlos Drummond de Andrade. Legado que se perpetuou Â– com a atuaÃ§Ã£o em escala regional de nomes como Godofredo Filho Â– atÃ© os dias atuais, com todas as limitaÃ§Ãµes materiais sobejamente conhecidas. Hoje a preservaÃ§Ã£o do patrimÃ´nio arquitetÃ´nico do PaÃs estÃ¡ sob ameaÃ§a, como se vÃª no noticiÃ¡rio, inclusive com algumas tresloucadas nomeaÃ§Ãµes para o IPHAN. Triste momento para a memÃ³ria de tantos que lutaram, durante dÃ©cadas, pela preservaÃ§Ã£o da HistÃ³ria deste PaÃs. Entre eles, se inclui o poeta feirense Godofredo Filho.

Anterior 1 2 3 4 5 6 7 ... 81 82 Próxima

INÍCIO O TRIBUNA ANUNCIE AQUI EDIÇÃO IMPRESSA VOCÊ NO TRIBUNA FALE CONOSCO

redacao@tribunafeirense.com.br

75 99151-1623
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
@tribunafeirense